



## Colégio Santo Agostinho – Novo Leblon

Aluno: \_\_\_\_\_ n.º: \_\_\_\_\_  
Ens. Médio 1º ano Turma: \_\_\_\_ Data: / / 2011  
Disciplina: Religião Professor: Leandro Sangali

### HISTÓRIA DA IGREJA

#### **(A origem do Cristianismo, o Cisma do Oriente, a Reforma Protestante e o Catolicismo no Brasil)**

A história do Cristianismo começa com Jesus de Nazaré que surgiu no ambiente sociocultural do mundo judaico na Palestina no início do Império Romano e iniciou sua missão na Galiléia. Nessa mesma região ele chamou os primeiros discípulos e constituiu a primeira comunidade cristã. Com o aumento dos discípulos de Cristo, os Apóstolos tomaram consciência da necessidade de formarem uma entidade original, formando assim comunidades que passaram a ser designadas nos Atos dos Apóstolos com o nome de: “Assembléia”. E as primeiras Assembléias conhecidas foram as de Jerusalém, Antioquia, Cesaréia e todas tinham consciência de que formavam uma única Assembléia “em um só coração e uma só alma” (At. 4,32); e os Apóstolos foram repartidos e enviados para as regiões de influência: região dos Partos, Ásia, Scintia, chegando até do outro lado do Tigre. Assim, surgiram as primeiras comunidades cristãs fora do Império Romano e à luz do Espírito Santo, tomavam consciência de sua plenitude cósmica.

#### **OS RITOS ORIENTAIS**

A partir da primeira comunidade de Jerusalém, outras Comunidades foram formadas, todas conservando um acordo universal em fé e moral, segundo as Escrituras e a Tradição de Jerusalém. No entanto, as comunidades se desenvolveram e se engajaram nos costumes próprios da região e assim nasceram os diversos Ritos que formaram famílias litúrgicas, que no Oriente tornam-se Igrejas Rituais com costumes e disciplinas próprias. Nos séculos II e III, podemos nos certificar de vários cultos litúrgicos em diferentes centros da cristandade. No século IV, documentos nos revelam a existência de ritos diversos.

A partir do século V, as comunidades cristãs estavam situadas e organizadas nos grandes centros do Império e formaram e constituíram as Sés, que passaram a ser chamadas de Patriarcados e no Oriente foram constituídas quatro grandes Patriarcados: Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém. Com o desenvolvimento dos Patriarcados, acima citados, estes acabaram por eliminar os ritos particulares, e no Oriente se concentraram em três grandes ritos: O Rito de Constantinopla ou Bizantino, Antioquia ou de Jerusalém, e o Rito de Alexandria.

Mesmo com esta formação, de três ritos, não podemos afirmar que todos os ritos particulares desapareceram. Alguns sobreviveram sob a influência de heresias ou da situação política do Império e não se sujeitaram à autoridade central dos Patriarcados, mas continuaram com os antigos ritos das metrópoles. Nessa organização, os ritos progrediram. Portanto as Igrejas Orientais locais, fundadas pelos Apóstolos e seus sucessores, são unidas entre elas em uma mesma fé, mas diferentes em seus Ritos, que é um elemento constitutivo de uma comunidade em torno de uma liturgia, em que são manifestados os patrimônios teológicos e espirituais de um povo, dentro de seu ambiente sócio-religioso-cultural. Assim, no Oriente os Ritos além de cerimônias religiosas e costumes litúrgicos, no sentido clássico da palavra, passou para um sentido mais amplo, e tornaram-se Igrejas-Ritos; no seio da Igreja Universal, passaram a ser Igrejas sui iuris.

#### **O RITO LATINO**

A distinção entre Igreja latina e Igreja oriental teve sua primeira origem na divisão política do Império romano em ocidental e oriental, realizada no ano 285 por Diocleciano (284-305); reconhecida na prática por Constantino (306-337), que muda a capital para Bizâncio no ano 330, dando-lhe ademais seu próprio nome; é consumada, no ano 395, por Teodósio (379-395), apesar de que todos os súditos do Império continuavam chamando-se romanos, inclusive na língua grega.

#### **PATRIARCA / PATRIARCADO**

Desde as origens da Igreja, há sés episcopais que desempenham um papel particular, bastante superior ao das sés metropolitanas. Trata-se das sés episcopais das principais cidades do império, que foram, ao mesmo tempo, o ponto de partida da evangelização: Roma, Alexandria, Antioquia, mas também Cartago. Os bispos dessas cidades intervêm num território muito maior que a simples província em que se situam, a fim de reunir concílios, confirmar bispos etc.

Etimologicamente, patriarca significa pai em grau supremo, ou pai das origens. Na organização eclesiástica dos orientais, patriarca é o bispo que tem jurisdição sobre todos os bispos, sobre o clero e o povo do mesmo território ou Rito, de acordo com a norma do direito. Na tradição ortodoxa, a Igreja Universal deveria dirimir suas controvérsias mediante acordo da pentarquia ou conjunto dos cinco patriarcados antigos e apostólicos: Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Roma e Constantinopla (Bizâncio), reconhecidos pelos primeiros Concílios Ecumênicos. No ocidente, usa-se o título de patriarca como meramente honorífico.

## RUPTURA ENTRE IGREJA LATINA E IGREJA GREGA

Desde o século V, o fosso entre a Igreja latina e a Igreja grega não parava de se acentuar. As razões disso são, a um só tempo, políticas, culturais e dogmáticas. A Igreja grega se encontra vinculada ao poder bizantino. O imperador faz e desfaz os patriarcas de Constantinopla. Paralelamente, os bispos de Roma se libertaram da tutela teórica de Constantinopla. Ao restaurar o Império do Ocidente, o papado parecia empreender uma operação política contra o imperador de Constantinopla e as Igrejas estavam indiretamente engajadas nessa tensão entre os dois impérios.

Bem mais grave se revela o fosso cultural. As duas Igrejas não se compreendem mais. O Oriente desconhece o latim e o Ocidente muito mais o grego. Herdeiros de uma grande cultura, os gregos permanecem fiéis a ela, tanto no domínio profano como no domínio religioso. No Ocidente, o renascimento carolíngio logo se esgotou. Nos poucos contatos que mantém, gregos e latinos se odeiam cordialmente. Para os bizantinos, os latinos, essas pessoas do país das trevas, são rústicas, selvagens, incultos e glutões. Para os latinos, os gregos são degenerados, efeminados, detalhistas ao extremo. O qualificativo bizantino tornou-se, desde então, pejorativo.

São ainda as divergências litúrgicas e doutrinárias que opõem as duas Igrejas. Para os gregos, o rito é a fé em ação. No Ocidente, distingue-se mais facilmente a doutrina do rito. Para um oriental, mudar os ritos é mudar a fé. Essa é a razão por que as questões referentes aos jejuns, ao pão ázimo ou fermentado, às barbas dos celebrantes, assumem grande importância. No Oriente, monges e bispos são celibatários, mas os padres se casam. No Ocidente, exige-se o celibato para todos os padres, ou, pelo menos em princípio, os homens casados renunciam à vida conjugal após a sua ordenação. Os gregos recriminam os latinos por terem modificado a fórmula de fé através do acréscimo do "filioque" ao Credo de Nicéia-Constantinopla. O Espírito procede do Pai, diz o Credo; e do Filho, acrescentam os latinos. Há um matiz teológico na compreensão do papel do Espírito. Ignorantes em termos de história, os latinos acusam os gregos de terem suprimido a expressão.

## O CISMA ORIENTAL

Mas apesar de todas as tentativas de viverem juntos (Roma e Bizâncio), no início do século XI, aconteceu a maior cisão histórica da Igreja. Após frequentes discussões, o conflito explodiu definitivamente em 1054, data simbólica do Cisma Oriental, chamado também de Cisma grego e Cisma bizantino. Em 25 de março de 1043, Miguel Celulário é eleito Patriarca de Constantinopla. O Patriarca Miguel iniciou uma campanha de difamação e acusações contra os latinos, fechou igrejas latinas em Constantinopla e cobriu de anátemas o clero latino. Diante desse fato, o Papa Leão IX confiou ao Cardeal Humberto de Mouenmutier a missão de responder a estas acusações. O Cardeal Humberto usou todas as suas forças para defender a autoridade da Santa Sé Apostólica, concluindo com um pedido de paz e de concórdia. Em seguida houve uma correspondência com o Patriarca de Antioquia, que declarou o desejo de ficar em comunhão com a Igreja de Roma, sem entrar muito nos detalhes das discussões entre Roma e Constantinopla. Em seguida o Papa Leão IX decide enviar uma comissão a Constantinopla dirigida pelo Cardeal Humberto, bispo de Silva Cândida, um dos principais membros da Cúria Romana, Frederico de Lorraine (futuro Papa Estevão IX) e Pedro, Bispo de Amalfi. O objetivo é dialogar com o Patriarca Miguel Cerulário e o Rei (Basileus) Constantino IX, por isso levaram duas cartas, uma ao Rei e outra ao Patriarca. A carta ao Rei era sobretudo de ordem política e abordava algumas atitudes do Patriarca Miguel em 1052 contra os latinos. A carta ao Patriarca Miguel continha logicamente as afirmações de união que este sempre apresentou, mas continha também os comentários de suas irregularidades jurídicas contra as Sés, justificados pelo seu título de Patriarca Ecumênico. O conteúdo era rigoroso, apresentando o temperamento de Humberto, mais forte que o Papa Leão IX.

Ao chegar em Constantinopla, a comissão foi visitar o Rei e entregou-lhe a carta. No momento de encontrar o Patriarca Miguel, a comissão não quis fazer o cerimonial junto ao Patriarca, e este, por sua vez, duvidando que a carta do legado, Cardeal Humberto, fosse realmente do Papa Leão IX, ignorou a comissão, principalmente quando soube que o Papa tinha falecido (19 de abril de 1054), e recusou-se a dialogar. O Cardeal Humberto e a comissão, não conseguindo convencer o Patriarca Miguel, decidiram deixar Constantinopla, e no dia 16 de julho de 1054, sábado antes da liturgia, os enviados do Papa foram à igreja de Santa Sofia, e o Cardeal Humberto agindo de sua própria autoridade, sendo que o Papa Leão IX tinha falecido, colocou sobre o altar-mor uma Bula de Excomunhão. Este documento continha a marca do Cardeal Humberto, defensor das idéias da reforma da Igreja, primazia do Papa de Roma e seu direito de guardar toda a Igreja. Foi um golpe rápido e em seguida foram ao Palácio se despedir do Rei, que nada sabia sobre a Bula de Excomunhão, que a comissão deixou sobre o altar-mor da igreja de Santa Sofia, mas não reagiu imediatamente. Deixou circular rumores para excitar a cólera do povo contra a comissão dos latinos. Em seguida (dia 21 de julho), o Patriarca Miguel reuniu um Sínodo e excomungou solenemente o legado pontifício e seus companheiros, entretanto o Sínodo tomou a precaução de não atingir o Papa, excomungando apenas o legado e sua comitiva.

O Patriarca Miguel Cerulário teve sua vitória, fez o Rei desistir da união, vingou-se de Roma. E a separação definitiva não foi com o Patriarca Fócio (século IX), nem com o Patriarca Miguel Cerulário (século XI), pois apesar das divergências entre Roma e Constantinopla, os Patriarcas Orientais permaneceram em comunhão parcial com o Papa de Roma. A verdadeira causa da ruptura aconteceu principalmente na época das Cruzadas, quando estes, dirigindo-se para a Terra Santa desviou-se até Constantinopla e a colocou em sítio, e saquearam os museus levando as Relíquias, obras de arte, tesouros bizantinos... Os bispos orientais foram substituídos por latinos, aumentando ainda mais as divergências entre gregos e latinos. O cisma estava confirmado entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente, que permanece até o dia de hoje. E enfim a cisão de 1054, entre a Igreja de Roma (Ocidente) e a Igreja de Constantinopla

(Oriente), levou outras Igrejas do Oriente, sem nenhum ato formal, a seguirem o exemplo de Constantinopla e se separaram também da Igreja de Roma e passaram a serem subsidiárias da Sé de Constantinopla.

A partir do Cisma Oriental, foi formada a Igreja dissidente do Oriente e chamaram-se Ortodoxos, os portadores da verdadeira fé em oposição à Igreja Católica (do Ocidente). As igrejas dissidentes do Oriente, após abandonarem o centro da unidade se dividiram em numerosas e separadas Igrejas nacionais, autocéfalas ou autônomas, e aos poucos foram se emancipando do Patriarcado de Constantinopla e elegendo cada uma um Patriarca ou Metropolita próprio, e hoje o Patriarca de Constantinopla não exerce nenhuma jurisdição sobre as outras Igrejas; o mesmo possui apenas um primado de honra desde o ano 350.

## **A VOLTA À UNIÃO**

No século XII voltaram a unir-se com a Igreja de Roma muitos dos separados, ainda que conservando seu próprio patriarcado e rito, sendo conhecidos como ritos orientais católicos, igrejas orientais unidas, patriarcados unidos ou igreja grega, pela língua usada, ou igreja bizantina pela cidade de Bizâncio-Constantinopla, considerada capital de todo o oriente.

## **DECLARAÇÃO COMUM**

Após séculos de hostil distanciamento, a Declaração conjunta do papa Paulo VI e do patriarca Atenágoras I, na véspera do encerramento do Concílio Vaticano II, a 7 de dezembro de 1965, inaugurou um novo período de aproximação, reconciliação e confiança mútua entre as duas igrejas.

## **A REFORMA PROTESTANTE**

A Reforma protestante, embora amplamente preparada, surgiu na história quase de repente; parecia tratar-se, a princípio, de uma questão pessoal e puramente religiosa do frade Martinho Lutero, mas, dado o clima em que ressoou, tomou vastas proporções eclesiais e políticas, que ninguém imaginava. Infelizmente a obra de Lutero não se tornou aquilo que, havia muito, o povo e os príncipes cristãos esperavam a renovação da Igreja pela eliminação dos abusos, sem alteração da fé e da constituição da Igreja; veio a ser uma revolução eclesial e um cisma.

## **A EVOLUÇÃO DAS IDEIAS DE LUTERO**

Martinho Lutero nasceu aos 10/11/1483 em Eisleben, na Alemanha. Teve infância dura, sujeita, em casa e na escola, a disciplina severa. A partir de 1501, na Universidade de Erfurt estudou a filosofia nominalista de occam, com tendência antimetafísica e relativista; tal sistema dissolvia a harmonia entre a ciência e a fé, pois tinha as verdades da fé como irracionais ou impenetráveis à razão; a Moral se fundaria unicamente na livre vontade de Deus.

Certa vez, a caminho da Universidade, foi quase fulminado por um raio; em consequência, fez o voto de entrar no convento (Ajuda, Sta. Ana, quero tornar-me um monge!). Esta decisão era fruto do temperamento escrupuloso e pessimista de Lutero, que receava o juízo de Deus sobre os seus pecados (Lutero muito se preocupava com a sua fraqueza e os seus pecados, que o deixavam inquieto).

Em julho de 1505, contra a vontade do pai e dos amigos, Lutero entrou no convento dos Agostinianos de Erfurt. Em 1507 foi ordenado presbítero, Em 1510 ou 1511 passou quatro semanas em Roma, onde conheceu a vida da Cúria e a exuberância das devoções populares. Isto tudo, porém: no momento não o impressionou muito nem abalou a sua fidelidade à Igreja. Foi nomeado professor de Sagrada Escritura em Wittenberg. Vivía, porém, inquieto ao pensar na sua fragilidade moral e nos insondáveis juízos de Deus; jejuava, praticava vigílias de oração, mas sem conseguir paz. O contato com as epístolas de S. Paulo (especialmente aos Romanos e aos Gálatas) foi-lhe oferecendo uma solução: viu que não se devia importar tanto com aquilo que fazia ou deixava de fazer, e precisava ficar firme na fé, confiança em Jesus Salvador; afinal, dizia ele, é a fé, e não as obras boas, que salvam o homem. Este foi totalmente corrompido pelo pecado original e aí pode senão pecar; o livre arbítrio está vendido ao pecado; não se pode apelar para ele. De resto, a concupiscência desregrada, que é o próprio pecado, é inextinguível no homem. Só lhe resta confiar (ter fé) nos méritos de Cristo, porque ninguém tem mérito próprio. Quando Deus declara o homem justo ou reto, não lhe está apagando os pecados, mas apenas resolve não os imputar, cobrindo-os com o manto da justiça ou da santidade de Cristo. Lutero baseava-se especialmente em Rm 1,17; Gl 3,12.22 textos lidos é luz das obras de S. Agostinho, que se revelara pessimista em relação a natureza humana.

Tal doutrina passou a ser o "Evangelho" de Lutero. Implicava autêntica revolução dentro do Cristianismo. Lutero havia de lhe associar outras teses, a saber: a rejeição dos sacramentos, do sacerdócio ministerial, do sacrifício da Missa, da hierarquia, enfim..., de tudo aquilo que fazia a vida da Igreja Católica.

## **AS INDULGÊNCIAS**

Lutero era, pois, professor de S. Escritura em Wittenberg, quando surgiu a questão das indulgências. A fim de custear a construção da nova basílica de S. Pedro em Roma, Júlio II em 1507 e Leão X em 1514 promulgaram indulgência plenária para qualquer cristão que recebesse os sacramentos e desse esmola. Foi nomeado Comissário da indulgência para grande parte da Alemanha em 1515 o jovem príncipe Alberto de Brandenburgo, desde 1513 arcebispo de Magdeburgo e administrador do bispado de Halberstadt, desde 1514 também arcebispo de Mogúncia. Alberto era

homem frívolo e mundano; contrairá uma dívida de 29.000 florins com os banqueiros Fugger de Augsburg a fim de pagar as taxas devidas à Santa Sé por estar acumulando três bispados; então, de acordo com os representantes papais, resolveu que metade das esmolas indulgenciadas ficaria para a construção da basílica de São Pedro, enquanto a outra metade serviria para saldar a dívida junto aos banqueiros.

Ora na Alemanha já reinava prevenção contra as indulgências por causa de abusos de oficiais eclesiásticos. O pregador de indulgências nomeado por Alberto, o dominicano João Tetzel, incorria também ele nesses abusos: afirmava que, para adquirir a indulgência em favor dos defuntos, bastava a esmola sem o estado de graça do doador (o que era errôneo). Quando, certa vez, Tetzel perto de Wittenberg pregava, Lutero resolveu insurgir-se contra o pregador: na tarde de 31/10/1517, à porta da igreja de Wittenberg afixou, conforme o costume das disputas acadêmicas, uma lista de 95 teses em latim sobre as indulgências e pontos conexos (a culpa, a pena, a penitência, o purgatório, o primado papal). A intenção de Lutero era apenas a de combater abusos e por em clara luz a doutrina ortodoxa; na realidade, porém, as suas teses significavam a rejeição não somente das indulgências, mas também do ministério da Igreja em prol da salvação dos homens.

## LUTERO DE 1517 A 1546

As teses de Lutero espalharam-se rapidamente pela Alemanha e o estrangeiro, chegando até Roma. A Santa Sé mandou o Cardeal Caetano, bom teólogo da época, a Augsburg em 1518, para ouvir Lutero; não conseguiu, porém, demovê-lo de suas posições doutrinárias.

O brado de revolta de Lutero encontrou ressonância fácil entre os príncipes da Alemanha, que tinham antigos ressentimentos contra a Santa Sé por questões políticas. Também a pequena nobreza apoiava Lutero, porque da revolução religiosa esperava uma revolução social que satisfizesse aos seus anseios. Entre os protetores de Lutero, começou a destacar-se o príncipe Frederico o Sábio, da Saxônia.

Em 1519 deu-se em Leipzig famosa disputa pública, em que Lutero expôs mais claramente sua doutrina: só é verdade religiosa aquilo que se pode provar pela S. Escritura (princípio básico do protestantismo); atacou, igualmente, o primado do Papa. Os ânimos se acendiam cada vez mais mediante panfletos com caricaturas e sátiras.

Em 1520, o Papa Leão X publicou a Bula Exurge, que condenava 41 sentenças de Lutero, ordenava a combustão dos seus escritos e ameaçava Lutero de excomunhão, caso não se submetesse dentro de sessenta dias. Em dezembro desse mesmo ano o frade queimou a Bula e um livro de Direito Eclesiástico em praça pública. Em resposta, o Papa excomungou formalmente Lutero aos 03/01/1521. Este gesto do Papa exigia tomada de posição clara da parte dos seguidores do reformador.

Lutero interpelava calorosamente os seus compatriotas alemães, principalmente mediante três obras que se tornaram clássicas: o Manifesto à Nobreza Alemã, no qual exortava os príncipes a assumir a reforma da Cristandade, constituindo uma Igreja alemã independente; o Cativo da Babilônia, que considerava os sacramentos, regulamentados pela Igreja, como um cativo; só ficariam o Batismo e a Ceia, operando pela fé do sujeito; Da Liberdade Cristã, que concebe a Igreja como uma comunidade invisível, da qual só fazem parte os que vivem da verdadeira fé.

Em 1521 deu-se a Dieta 59 de Worms, à qual Lutero compareceu na presença do Imperador Carlos V; recusou retratar-se; pelo que foi condenado à morte. Todavia, Frederico o Sábio, escondeu o frade rebelde no Castelo de Wartburg, onde ficou dez meses (maio 1521 - março 1522) sob o pseudônimo de "Cavaleiro Jorge"; começou então a tradução da Bíblia para o alemão a partir dos originais, obra de linguagem magistral, traço de união entre os partidários do reformador; só foi completada em 1534. No castelo de Wartburg Lutero sofreu crises nervosas violentas, que ele considerava como assaltos diabólicos.

Enquanto Lutero se conservava oculto em Wartburg, a agitação crescia em Wittenberg; os clérigos casavam-se; a Missa era substituída pelo rito da Ceia do Senhor, em que se recebiam pão e vinho sem confissão previa nem jejum eucarístico; as imagens dos santos eram removidas etc. Mais: apareceu a corrente dos anabatistas, que interpretavam ousadamente o pensamento de Lutero, negando o batismo às crianças (já que o Sacramento só é eficaz pela fé de quem o recebe) e batizando de novo os adultos; preconizavam uma "Igreja de Santos", cujos membros estariam em contato direto com o Espírito Santo. Posto a par da confusão, Lutero deixou seu esconderijo e voltou a Wittenberg, indo morar no seu antigo convento, já esvaziado de frades e doado por Frederico o Sábio a Lutero como residência; ali o reformador em 1525 casou-se com Catarina Von Bora, monja cisterciense apóstata, e teve seis filhos.

Lutero conseguiu, com o apoio do braço secular, restabelecer a ordem em Wittenberg, mas teve que enfrentar a revolta dos camponeses (1524-25), que, esmagados por tributos, valiam-se da proclamação de liberdade feita por Lutero para reivindicar sua liberdade frente aos senhores civis e eclesiásticos. Thomas Münzer, chefe dos anabatistas, incitava os camponeses a revolta. Lutero hesitou diante dessa insurreição, mas acabou optando pela sufocação violenta dos revoltosos; Thomas Mbnzer foi decapitado. Esta atitude fez que Lutero perdesse parte da sua popularidade; a sua nova "Igreja" não seria de povo e comunidade, mas de príncipes e regiões. Os anabatistas mereceriam a adesão das classes mais humildes (são os Batistas de nossos tempos).

A situação religiosa e política fervilhava cada vez mais. Muitas vozes de reis, príncipes e nobres se levantaram, ora para defender, ora para combater Lutero. Muitos apregoaram a convocação de um Concílio Ecumênico.

Em 1529 realizou-se uma Dieta em Espira (Alemanha): determinou que não se fariam mudanças religiosas nos territórios do país, de modo que ficaria estabilizada a onda de reforma luterana até se reunir um Concílio Ecumênico. Esta resolução favorecia, de certo modo, os católicos, pois os avanços do luteranismo eram contínuos. Em consequência, seis príncipes e quatorze cidades imperais, aos 19/04/1529, protestaram contra a decisão. Este gesto lhes valeu o nome de "protestantes" em lugar da expressão viriboni (ou crentes) que eles davam a si mesmos.

Os últimos anos de vida de Lutero foram angustiosos para o reformador por diversos motivos: os aborrecimentos e as decepções se somavam aos azares corporais; via que se alastravam a indisciplina e a procura de interesses particulares nos territórios reformados; os príncipes dominavam as questões religiosas. Lutero depositava suas esperanças num próximo fim de mundo. Em 1543 escreveu ansioso: "Vinde, Senhor Jesus, vinde, os males ultrapassaram a medida. é preciso que tudo estoure. Amém". - Finalmente morreu aos 18/02/1546 em sua cidade natal de Eisleben.

Em nossos dias a animosidade que Lutero nutriu para com o Papado e a Igreja, muito se atenuou; têm-se realizado frutuosas conversações teológicas entre católicos e luteranos, que vêm mais e mais aproximando os irmãos entre si.

## O CATOLICISMO NO BRASIL

O catolicismo romano foi introduzido por missionários que acompanharam os exploradores e colonizadores portugueses nas terras do país recém-descoberto. A igreja no Brasil, durante quase quatro séculos, foi marcada pela instituição do padroado. Tratava-se de uma estreita ligação do Rei de Portugal (e, após a Independência, dos Imperadores do Brasil) com o poder eclesiástico, no sentido de que ele teria certos direitos e privilégios, com nomear bispos, conferir benefícios eclesiásticos ou receber dízimos das igrejas sob sua jurisdição. A origem do padroado situa-se na Idade Média, ligada a dois fatores: o sistema feudal e as Ordens religiosas Militares.

O sistema feudal: Durante a Idade Média, especialmente no séc. X, desenvolveu-se a praxe segundo a qual o Senhor do feudo era o patrono das igrejas situadas em seu domínio. Desse modo os senhores feudais escolhiam os vigários e curas para as ditas igrejas. No séc. XVI, visto que os reis de Espanha e Portugal se tinham empenhado na propagação da fé católica nas terras então descobertas, foram-lhes concedidos pela Santa Sé privilégios semelhantes.

Outro fator que se encontra na origem do padroado consiste na formação de Ordens Militares, compostas de leigos que seguiam uma regra de vida aprovada pela Santa Sé. Tendo surgido no tempo das Cruzadas, muito se desenvolveram na Idade Média. Entre elas, destaca-se a ordem dos templários, a qual, com o passar do tempo, acumulou muitos bens.

Em 1516 o Papa Leão X concedeu ao Rei de Portugal o Padroado sobre todas as igrejas das terras conquistadas. A jurisdição espiritual, porém, era reservada ao Prior do Convento de Tomar. Muitos, porém interpretaram erroneamente a Bula Papal, concedendo a prerrogativa da jurisdição espiritual aos reis de Portugal, que possuíam o título de Grão-mestre da Ordem.

Ouve assim abusos por parte da Coroa, especialmente em certas épocas, como o exigir que as bulas pontificias fossem aprovadas pela Coroa antes de chegar ao clero português e que os bispos tivessem a concessão da Corte para manter relações com a Santa Sé.

O sistema do padroado, a par desses aspectos negativos, teve também seu saldo positivo, quando exercido dentro dos limites das bulas: facilitou o crescimento de Igrejas; providenciou a remuneração do clero e dos missionários e a doação de dioceses, paróquias e colégios; favoreceu ainda as missões e a unidade da Igreja nas terras conquistadas.

## **A EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA**

Ao chegarem os portugueses no Brasil, encontraram os habitantes nativos, dispersos pelo território, em vida semi-nômade e agrupados em diversas tribos. Em sua religião, possuíam vaga idéia de um ser supremo e muito poderoso, a quem chamavam **Tupã**. Acreditavam também em espíritos bons e maus. Algumas tribos cultuavam o Sol (Guaraci) e a Lua (Jaci). Não possuíam ídolos, templos ou sacerdotes, embora admitissem um feiticeiro ou curandeiro (o pagé).

Embora estivesse os principais objetivos da ação da Coroa na terra recém-descoberta, não houve até 1549, evangelização sistemática e continuada dos indígenas.

Um número maior de indígenas, entretanto, foi evangelizado e batizado na época das feitorias (1516-1534). Como as condições eram ainda muito precárias, a evangelização foi bastante rudimentar.

A partir da formação das Capitânicas, com a fundação das primeiras paróquias (1535), o trabalho de evangelização tornou-se mais organizado. A primeira missão se deu por iniciativa de franciscanos espanhóis, chefiados por Frei Bernardo de Armenta, que se dirigiam ao Rio Prata. Desembarcando em Santa Catarina no ano de 1538, iniciaram uma missão entre os índios Carijós: a missão acabou em 1548 quando os aprisionadores de índios os levaram para São Vicente e Ilhéus.

## **OS JESUITAS**

A evangelização sistemática dos indígenas começou propriamente com a chegada dos membros da companhia de Jesus ao Brasil, a quem se deve de fato o maior mérito na evangelização neste período. Os primeiros jesuítas chegaram com o Governador-Geral Tomé de Sousa à Bahia em 1549. Vieram em número de seis, sendo quatro padres e dois irmãos religiosos, sendo superior o Padre Manoel da Nóbrega.

Os primeiros contatos com os indígenas se deram nas aldeias próximas a Salvador. De início, limitaram-se a batizar crianças e adultos em perigo de vida. Pouco depois dedicaram-se a preparar os adultos para o batismo. Seu ensino consistia, segundo o costume da época, numa breve explicação das verdades fundamentais da fé. Os maiores problemas, porém, concentraram-se no combate a hábitos arraigados entre os indígenas, como a antropofagia e a poligamia. Quanto a isto, do catecúmeno adulto era exigido para o batismo: não matar seus semelhantes, não comer

carne humana, viver com apenas uma mulher. O costume de mais árduo combate foi a antropofagia, para o que foram necessárias leis proibitivas de Tomé de Souza e Mém de Sá.

O método utilizado pelos Jesuítas consistia em contatos diretos com os índios e na formação de aldeamentos indígenas, com a finalidade de atraí-los para hábitos mais civilizados e para a fé cristã.

Em síntese neste período o trabalho de evangelização foi repleto de dificuldades e não chegou a ser muito profundo: havia falta de pessoas aptas que conhecessem a língua e os costumes dos nativos; faltava também apoio expressivo dos colonizadores; além disso, o caráter semi-nômade das populações indígenas e as enormes distâncias criaram outros tantos obstáculos.

### **CARMELITAS, BENEDITINOS, FRANCISCANOS**

O trabalho de catequese, embora entregue principalmente aos Jesuítas, contou ainda com colaboradores. A par dos padres diocesanos e da missão franciscana em Santa Catarina, vieram estavelmente, após a chegada dos jesuítas, outras Ordens Religiosas, que se fixaram no fim do séc. XVI: Carmelitas, Beneditinos, Franciscanos.

Os Carmelitas foram os primeiros a se fixar após os jesuítas. Chegaram a Pernambuco, com a expedição de Frutuoso Barbosa, em 1580. Fixaram-se em Olinda. Outro grupo, chegando pouco mais tarde, dirigiu-se para a capitania de São Vicente. Não se dedicaram às missões indígenas, mas ao trabalho com os brancos.

Os Beneditinos tiveram em 1581 autorizada a fundação de um mosteiro na cidade de Salvador, o qual foi elevado a Abadia em 1584. Com as vocações da terra e os auxílios provenientes de Portugal, foram feitas novas fundações: Rio de Janeiro (1585), Olinda (1590), Paraíba (1596) e São Paulo (1598). Por serem Ordens Monásticas, não se dedicaram às missões indígenas, mas muito contribuíram para o aprofundamento doutrinal e espiritual dos habitantes da terra.

Os Franciscanos estiveram presentes já bem cedo, na missão de Imbiçã (1538-48), bem como em Porto Seguro em 1520 e 1546. Em 1583 trabalharam perto de São Paulo e também no Espírito Santo. Sua fixação deu-se a partir de 1585, quando frei Melquior de Santa Catarina chegou ao Brasil com a permissão de aqui fundar conventos.

Lançando um olhar panorâmico sobre esta época, podemos ver que o trabalho dos missionários foi rico e de boa vontade e desenvolvido de acordo com os meios e o pensamento d e então. Não é correto dizer que a cultura indígena não foi respeitada. A par do combate árduo, mas necessário, aos costumes indígenas, como a antropofagia, poligamia, bebedeiras, houve grande respeito aos valores positivos da cultura indígena e grande capacidade no tratar os índios. Por outro lado, nunca houve uso da força para converter ao Cristianismo. A ação missionária da Igreja no Brasil nessa época tem, portanto, valioso saldo positivo.

### **Bibliografia:**

Dr. Hugo Schlesinger e Pe. Humberto Porto. *As Religiões ontem e hoje*. São Paulo, Paulinas, 1992  
Dom Estêvão Bettencourt. *Curso de História da Igreja*. EME. Lumen Christi, Rio de Janeiro, 1992

### **Glossário:**

**Sés** - Igreja catedral, Jurisdição episcopal.

**Heresias** - Divergência em ponto de fé ou de doutrina religiosa.

**Ritos** - Ordem prescrita das cerimônias que se praticam numa religião

**Liturgia** - Conjunto das cerimônias eclesásticas

**Sui iuris** - São todas as igrejas particulares autônomas que estão em comunhão completa com o Papa.

**Concílios** - Assembléia do alto clero para tomar decisões disciplinares ou de fé.

**Pentarquia** - Governo composto de cinco indivíduos.

**Dogmática** - Parte da Teologia que trata dos dogmas. Ponto fundamental e indiscutível de uma crença religiosa.

**Profano** - Que é alheio à religião, oposto ao respeito devido ao que é sagrado.

**Carolíneo** - é o nome da dinastia franca que sucedeu aos merovíngios

**Pão ázimo** - Pão sem fermento.

**Celibatários** - Que ou aquele que vive em celibato. Estado de solteiro.

**Matiz** - Conjunto de cores diversas bem combinadas. Na frase tem sentido de beleza.

**Anátemas** - Termo grego aplicado, tanto ao processo de excomunhão como ao objeto sobre o qual recai uma maldição e que é considerado, portanto, intocável.

**Excomunhão** - Desligamento da comunhão (religiosa); Consiste na completa ruptura de relações pessoais, comerciais, sociais e religiosas com o acusado, até seu arrependimento.

**Primazia** - Dignidade de primaz. Qualidade do que está em primeiro lugar. = PRIMADO, PRIORIDADE

**Autocéfalas** - Que não depende de outro chefe; que se governa por si.